

## Modulo 5 Videoaula 3- Entrevista com Tai Nalon

**Amanda Rossi** Olá! Bem-vindas e bem-vindos, mais uma vez, ao nosso curso "Jornalismo na Pandemia: Cobertura da COVID-19 agora e no futuro". Esse é o Módulo 5, em que falamos sobre a epidemia de desinformação sobre coronavírus. E hoje a gente vai conversar com a Tai Nalon, diretora-executiva e cofundadora do Aos Fatos, que é uma das principais agências de checagem de fatos do Brasil, ganhadora de vários prêmios, entre eles o Online Journalism Awards, em 2019. O Aos Fatos vai completar 5 anos daqui a pouco, em julho, mergulhado na checagem de informações sobre a COVID-19. Tai Nalon, muito obrigada por se juntar ao nosso curso.

**Tai Nalon** Imagina, o prazer é meu.

[00:00:43] **Amanda Rossi** Para começar, o Aos Fatos está checando informações sobre coronavírus desde janeiro, desde o começo. De lá pra cá, o que vocês têm observado sobre os tipos principais de desinformação sobre o coronavírus? Havia algum foco principal, depois mudou? O que você tem observado nesse tempo?

**Tai Nalon** A gente encontrou pelo menos 2 ondas bastante grandes, que mudaram o paradigma da nossa cobertura. A primeira onda, mais no início, a partir da primeira checagem que a gente publicou... A gente publicou a primeira checagem a respeito do novo coronavírus em janeiro, quando a doença ainda não tinha chegado ao Brasil oficialmente, quando a gente não tinha registro de mortos, nem infectados. A gente já tinha uma série de desinformações correndo, justamente porque a doença já estava se proliferando na Ásia. E assim, então, importamos a nossa primeira desinformação sobre o vírus. Era a respeito da patente do vírus, que teria sido desenvolvida pela Fundação Bill e Melinda Gates, o que é uma mentira. Desinformação acerca da origem do vírus, com relação ao grau de letalidade do vírus, informações que ainda são muito nebulosas, teorias da conspiração mais elaboradas e, novamente, soluções miraculosas de combate ao coronavírus, elas ainda existem e engajam muito. Mas elas foram muito mais prevalentes, proporcionalmente, no início da pandemia, e quando a pandemia ainda não trazia consequências mais severas ao Brasil.

**Tai Nalon** Porém, à medida que a quantidade de doentes infectados e mortos foi crescendo no país, também cresceu a politização da desinformação sobre a pandemia. Ou seja, a gente viu políticos e autoridades com influência se utilizando de elementos relacionados à pandemia. Seja substâncias que eventualmente poderiam ter capacidades terapêuticas contra a COVID-19, ou medidas como o isolamento social sendo questionadas com desinformação. Ou seja, vários argumentos que estão no centro do debate da saúde e da ciência para controlar a questão sanitária foram politizados e trazidos de modo falacioso ao debate. Então, hoje, o que a gente tem... Ao mesmo tempo, que a gente cobre uma campanha desinformativa cuja origem nós não sabemos, cujas as motivações nós não sabemos, num nível internacional, que é dessas falsas promessas de cura, fórmulas miraculosa e mirabolantes de prevenção... Ao mesmo tempo, a gente tem que lidar com a politização da pandemia e a crise política decorrente dela. O que nós vimos no Brasil foi que desinformação e política pública baseada em informações falsas ou enganosas derrubaram dois ministros. Dois ministros que defendiam o isolamento social e defendiam a administração cautelosa, uma terapêutica criteriosa da hidroxicroquina como potencial, talvez, eventual forma de terapia contra a doença. O fenômeno que a gente vê hoje é esse: são 2 ondas desinformativas bastante grandes, de naturezas diferentes, de origens talvez diferentes, mas que no fim das contas compõem um cenário de infodemia bastante preocupantes no Brasil hoje.

**Amanda Rossi** Então, em resumo, 2 grandes ondas de desinformação. Uma mais relacionada a curas milagrosas, à origem da pandemia. E outra mais politizada, a política e a saúde se misturando muito e gerando uma desinformação. Agora, conforme vocês vão fazendo as checagens, desbancando algumas desinformações, você percebe que os temas, os argumentos mudam? E eu fico com essa curiosidade principalmente por causa dessa segunda onda, que tem mais relação política. Conforme o trabalho de vocês vai avançando, esse discurso também vai mudando?

**Tai Nalon** Sim, nós percebemos que os assuntos não variam. Nós estamos desbancando há pelo menos dois, três meses desinformação com relação à efetividade e à eficácia da

hidroxicloroquina, por exemplo. Tudo começou quando Donald Trump, presidente dos Estados Unidos, em um discurso, em uma coletiva de imprensa, disse que tinha lido um artigo científico - que hoje é bastante contestado, inclusive - de um pesquisador francês que atestava a eficácia da hidroxicloroquina para alguns casos na terapêutica contra a COVID-19. Novamente, isso era um artigo científico que tinha sido publicado em um periódico francês, sem revisão de pares criteriosa, com origem bastante questionada pelos próprios pesquisadores, infectologistas, epidemiologistas que acompanham essa área. O Trump lançou mão desse argumento para dizer que talvez, muito possivelmente, a hidroxicloroquina poderia ser alçada a status de cura do coronavírus, da COVID-19. Em questão de dias, o Bolsonaro, presidente do Brasil, também lançou mão desse argumento, dizendo que o Brasil produz esse remédio já em larga escala, é uma substância barata, e que portanto poderia ser produzida. Inclusive, ele determinou o Exército que produzisse mais dessa substância. Ou seja, ele amparou uma política pública, uma política de Estado, de Governo, com base em desinformação. A gente não conseguiu avançar na constatação, ainda, de que a hidroxicloroquina tem algum efeito benéfico na terapêutica da COVID-19. E, no entanto, continuamos a falar dela.

**Tai Nalon** E continuamos a falar dela da seguinte maneira. No início, a gente via bastante boatos, desinformação, áudios atribuídos a médicos, por exemplo, estabelecendo critérios sobre como administrar a hidroxicloroquina na terapêutica de pacientes mais graves. O Aos Fatos, e outras iniciativas de checagem em todo o mundo, fizeram uma série de checagens e verificações explicitando que a hidroxicloroquina ainda era vista com ceticismo por várias autoridades de saúde. O Conselho Federal de Medicina não recomendava, a OMS não recomendava, enfim. É difícil dizer qual foi o efeito desses desmentidos. Mas o que a gente observou é que, a partir daí, houve uma maior sofisticação da desinformação com relação à hidroxicloroquina. A hidroxicloroquina começou a ser argumento de desinformação não mais só na terapêutica de pacientes graves, mas também de pacientes com sintomas mais leves. E voltamos à carga, a desbancar que nesse tipo de terapêutica também não existiam evidências científicas que confirmavam a efetividade da hidroxicloroquina. Depois disso, nós começamos a observar padrões de desinformação que diziam que a hidroxicloroquina poderia ser utilizada para precaver a infecção da COVID-19. Ou seja, como uma precaução, você poderia tomar mesmo sem estar com a doença e você estaria mais seguro e não pegaria a doença. Isso também não existe qualquer comprovação científica. Ou seja, a gente viu vários tipos de desinformação diferentes sobre o mesmo tema. E que volta e meia voltam a aparecer. O mesmo aconteceu com o isolamento social. Ou seja...

**Amanda Rossi** Quase uma perseguição de gato e rato. Vocês vão desbancando e os argumentos vão mudando, vão se adaptando àquela nova realidade. O que mostra a necessidade de uma vigilância contínua. Já que a gente falou sobre a hidroxicloroquina, recentemente vocês fizeram no Aos Fatos uma reportagem analisando, no Twitter, as informações que foram mais importantes sobre a hidroxicloroquina e quais continham desinformação ou não. Você poderia resumir para a gente quais foram as principais descobertas que vocês viram nessa análise?

**Tai Nalon** Claro. A gente está fazendo um levantamento sobre os principais drivers de desinformação na pandemia. E a hidroxicloroquina talvez tenha sido a mais popular - e mais politizada também - desinformação com relação à pandemia. Nós publicamos no último dia 21 de maio nosso último levantamento, o levantamento mais recente com relação à hidroxicloroquina e a desinformação decorrente dela. Demonstrou que, de 8 a 20 de maio, que foi feito o nosso monitoramento, os tuítes favoráveis ao medicamento, ou seja, favoráveis à administração de cloroquina ou hidroxicloroquina na clínica de tratamento da COVID-19, esses tuítes representaram 65% dos conteúdos mais populares sobre o assunto na rede. E quase metade dos tuítes que exaltavam o remédio trazia ou reproduzia alguma informação falsa ou distorcida sobre a doença. Pessoas que se mostraram a favor da liberação desregulada da hidroxicloroquina, ou seja, a distribuição praticamente de hidroxicloroquina para a população, como uma medida profilática, eram um drive de desinformação.

**Tai Nalon** A gente observa muito um comportamento de grupo - o que a gente costumava chamar de bolha - no Twitter. Mas isso acontece em outras redes sociais também. Ou seja, a gente pega o Twitter como a ponta do iceberg. Mas, na verdade, essa rede de desinformação está em todo o lugar. E, na verdade, ela é efetiva, e ela engaja, e ela é tão perniciosa justamente porque a desinformação trabalha com a premissa de criar uma uniformidade informacional nas

redes sociais. Ou seja, não só no Twitter, mas também no Facebook, no Instagram, no WhatsApp... A partir dos relacionamentos que as pessoas têm e dos valores que as pessoas compartilham. Ou seja, aquilo que você vai ver no Twitter, possivelmente vai estar no WhatsApp e no Facebook das mesmas pessoas, justamente porque elas estabelecem elos bastante semelhantes em todas as redes sociais. Por isso, que é muito difícil a gente lidar com desinformação. A gente precisa de abordagens diferentes de combate à desinformação em cada plataforma, justamente por conta das particularidades de cada uma delas.

**Amanda Rossi** Nesse levantamento vocês também identificaram a importância dos políticos como um gatilho para a propagação da desinformação, é isso?

**Tai Nalon** É isso. Os cientistas que acompanham campanhas desinformativas na academia já vinham alertando para isso de um modo bastante preocupante. E a gente sabe disso por observação empírica, mas a gente não tinha números, a gente não tinha evidências numéricas, não tinha um atestado de como isso funcionava na prática, no Brasil sobretudo. Que é como as autoridades, ao empregarem desinformação em seus discursos, podem de fato alterar o fluxo do debate, pautar a mídia, alterar o fluxo do debate e, no limite, desinformar uma parcela relevante da população. Porque as pessoas se sentem basicamente autorizadas a consumir determinado conteúdo, caso ele tenha o aval de alguma pessoa que a sociedade julgue ter autoridade para falar sobre aquilo. É o caso de um Presidente da República, ou de deputados, senadores, governadores. Enfim, pessoas com mandato têm a legitimidade do próprio cargo para respaldar determinadas informações. Então, é muito diferente o seu vizinho fazer alguma crítica ao isolamento social e o Presidente da República fazer uma crítica ao isolamento social. Foi a partir desse discurso do Trump, que eu inclusive mencionei anteriormente, que houve uma maior busca pela palavra hidroxiquina, pelo que isso significava, e qual era o possível impacto disso nos resultados de combate ao coronavírus. O que os políticos fazem, muitas vezes, é retirar de bolhas... Nesse caso, retirou de bolhas especializadas, de grupos de cientistas, de grupos de médicos, da comunidade científica mesmo, que estava discutindo uma potencial cura - e que se provou que, possivelmente, não era nada disso. Mas foi tirada de contexto e foi alçada de maneira enganosa ao estatuto de cura de uma doença. Os políticos serviram como gatilho para campanhas de desinformação, eles avalizaram uma campanha de desinformação, porque passou a ser um elemento da agenda política daquela autoridade. Isso é preocupante à medida que, se você tem políticos que recorrentemente se utilizam de desinformação para estabelecer sua agenda e suas prioridades no cargo, você vai ter possivelmente uma série de políticas públicas amparadas em informações duvidosas. É o que a gente vê hoje, inclusive.

**Amanda Rossi** Infelizmente, o nosso tempo está acabando. Para finalizar, não posso deixar de te perguntar algo que vai ser super importante para os nossos 2 mil participantes em língua portuguesa, algo que eles mais querem e mais precisam aprender contigo que é: que dicas que você, que está no dia a dia trabalhando com isso, daria para eles? Quais são os pontos principais da checagem de fatos em relação à COVID-19, que são importantes para vocês e que você acha que são importantes para todo jornalista, todo o comunicador que está trabalhando com esse assunto, nesse momento?

**Tai Nalon** O maior desafio que nós temos visto no Aos Fatos, e eu imagino que seja um desafio para todos os jornalistas que estão cobrindo a pandemia, é a confiabilidade das fontes. A gente tem problemas que vão desde a reputação ou a qualidade das fontes oficiais - que também foram alvo de desinformação, inclusive. A contabilidade de casos em nível estadual foi posta em xeque em campanhas desinformativas, que diziam que havia casos de supernotificação em estados como São Paulo, no Nordeste. Isso foi bastante popular durante o mês de abril, quando os casos começaram a crescer de modo bastante descontrolado no Brasil. E o fato de ter havido uma campanha desinformativa não demonstra que você precisava descredenciar esses dados. Na verdade, esses dados já eram problemáticos de origem. Hoje, na verdade, a gente tem um problema subnotificação muito grande de casos de contaminação, mortes. Ou seja, a gente não consegue ter um diagnóstico preciso sobre o que está acontecendo em si no país, em termos sanitários. Nós temos uma crise sanitária cujo entendimento é prejudicado devido à qualidade das fontes oficiais que nós temos sobre isso.

**Tai Nalon** Acrescenta-se a isso a dificuldade inerente, eu acho, ao jornalismo e à nossa qualificação, de ter uma compreensão de como funciona o método científico. Como funciona a

produção científica e o tempo da produção científica, para que a gente tenha respostas mais exatas e diagnósticos mais precisos. E justamente porque é uma doença nova, é um fenômeno muito novo, a gente ainda tem muito pouca informação confiável - e mesmo as informações confiáveis elas estão em constante evolução. Você conhecer as fontes, e você ter uma relação transparente com elas, e demonstrar no seu texto, e demonstrar na checagem de fatos que você faz que aquela é a informação que você tem naquele momento, e que aquela informação pode mudar em questão de dias, é muito importante. Hoje, um desafio que a gente tem no Aos Fatos é tentar fazer com que as nossas checagens que foram publicadas um mês atrás, dois meses atrás, continuem atualizadas no sentido de que a substância fundamental dela ainda seja correta, se você for procurar por uma checagem de fatos lá atrás. Ou seja, se você procurar por uma checagem de fatos lá atrás que fale que vitamina C é bom para se prevenir contra o coronavírus, ela ainda está valendo. Porque não existe ainda fato científico, não existe um consenso, e possivelmente não vai existir, porque essa desinformação é muito mais baseada em credence popular do que qualquer outra coisa... Mas é isso. É você tornar o seu conteúdo confiável apesar da mudança frequente de paradigmas que a própria doença gera, em termos de quais são os tratamentos mais eficientes, quais são as medidas de contenção mais eficientes, qual é a pesquisa que hoje está mais avançada e que é mais confiável. Ou seja, se assegurar que as suas fontes estão bem informadas também. Eu acho que o desafio maior hoje é: consultar fontes confiáveis e entender os limites da confiabilidade dessas fontes, e ser honesto com o público sobre quão confiáveis são as informações nesse momento. O desafio é esse.

**Amanda Rossi** Super obrigada. A gente falou com a Tai Nalon, foi um prazer conversar contigo, tenho certeza que essa sua experiência longa com checagem no Aos fatos vai ensinar bastante para todo mundo. A gente está recomendando link de reportagem do Aos Fatos. E vamos falar do robô do Aos Fatos, para quem quiser consultar as checagens de vocês pelo WhatsApp. Muito obrigada e bom trabalho para vocês.

**Tai Nalon** Eu que agradeço pela oportunidade.